

Comunicação, ciência e novas epistemologias: algumas reflexões e possíveis relações¹.

Daiane SCHEID²

Universidade Federal de Santa Maria

Roberta MÂNICA³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo destaca um cenário de midiatização da sociedade e transformações tecnológicas. A partir disso, propomos uma reflexão a respeito das “novas epistemologias” (DEMO, 2011) e procuramos relacioná-las com o campo da comunicação e suas peculiaridades. O trabalho é teórico e tem orientação exploratória, de forma que não resulta em respostas fechadas, mas em algumas conexões entre os temas abordados, instigando novas investigações.

Palavras-chave: midiatização; campo da comunicação; novas epistemologias.

A sociedade contemporânea está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada como algo separado das instituições culturais e sociais. É o que argumenta Hjarvard (2012) ao indicar que vivenciamos o fenômeno da midiatização da cultura e da sociedade. O autor explica que a influência que a mídia exerce está relacionada ao fato de que ela se tornou uma parte integral do funcionamento de outras instituições, as quais, em maior ou menor grau, submeterem-se a sua lógica.

Ao entendermos que este constitui o cenário social e dos atuais estudos em comunicação, procuramos neste texto relacionar esse campo científico com a perspectiva das novas epistemologias, a qual está vinculada também ao contexto de transformações tecnológicas.

Nesse sentido, o presente trabalho possui caráter exploratório, portanto não busca respostas, mas pretende, relacionando teoricamente os fenômenos, refletir sobre os mesmos. Para tanto está organizado da seguinte forma: iniciamos contextualizando o cenário de midiatização, de transformações tecnológicas e sociais ao qual entendemos

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutora em Comunicação e professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, campus Frederico Westphalen, RS.

³ Doutora em Comunicação Social e professora de especialização da PUCRS.

que estão (direta ou indiretamente) relacionados os estudos de comunicação; em seguida abordamos o campo científico da comunicação pontuando algumas de suas peculiaridades; e por fim, apresentamos a noção de novas epistemologias enquanto uma visão de conhecimento própria do cenário dinâmico que nos cerca e procuramos relacionar essa perspectiva com o campo da comunicação.

O contexto

Para a presente discussão, consideramos adequado situar o campo da comunicação e as novas epistemologias diante de um contexto de midiatização e de transformações tecnológicas e sociais.

O fenômeno da midiatização está diretamente relacionado com a mídia e o modo como ela está inserida na atual configuração social. Conforme destaca Hjarvard (2012, p. 55) “A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua”. Ou seja, os meios de comunicação (as mídias) possibilitam a referida interação.

Mas para além disso,

Os meios de comunicação, no entanto, têm, sim, impacto sobre os papéis sociais na interação, no sentido de que o acesso ao meio em si e aos modos de interação que ele disponibiliza para os participantes afetam a capacidade destes para se comunicar e agir. Uma vez que os meios de comunicação desempenham um papel cada vez mais importante em um número cada vez maior de contextos, os papéis sociais também são avaliados em termos do acesso à cobertura midiática que eles são capazes de mobilizar. (HJARVARD, 2012, p. 77)

A colocação do autor vai além da idéia dos meios como veículos para a interação. Enquanto a mediação refere-se à comunicação que acontece através de um meio, a midiatização constitui um processo pelo qual as instituições e os modos de interação são alterados como consequência da maior influência dos meios de comunicação (HJARVARD, 2012).

“Por midiatização da sociedade, entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica” (HJARVARD, 2012, p. 64). Nesse sentido, o conceito de midiatização é utilizado para definir uma configuração de desenvolvimento global da sociedade e da

cultura em que os meios de comunicação exercem uma influência em outras instituições sociais.

Em viés semelhante, Sodré introduz o conceito de *bios* midiático. “Esse novo *bios* é a sociedade midiaticizada enquanto esfera existencial capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social, inclusive de neutralizar as tensões do vínculo comunitário” (SODRÉ, 2007, p. 21).

Por midiaticização, o autor entende o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais e coloca esse fenômeno na centralidade do pensar a comunicação:

A midiaticização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação (SODRÉ, 2007, p. 17).

A relação da midiaticização com as tecnologias da comunicação também é expressa por Hjarvard, quando salienta que “A crescente complexidade dos territórios na interação mediada testemunha um efeito geral da midiaticização: a *virtualização* de instituições sociais” (HJARVARD, 2012, p. 82). Sua afirmação destaca o modo como o processo de midiaticização está relacionado à expansão das oportunidades para a interação em espaços virtuais.

Para Demo (2011), no contexto da economia globalizada, a concentração do poder comunicacional é um fenômeno absolutamente evidente: conglomerados cada vez maiores e mais poderosos, oriundos da fusão de grandes empresas de diferentes setores da economia, buscam controlar a indústria cultural, concentrando a produção tanto de equipamentos e redes (hardware) quanto de conteúdos (software). Em face, no outro lado das telas, nos lares e em muitos espaços coletivos (salas de espera, aeroportos, ônibus, bares e, nos países ricos, até mesmo nos parques encontramos acessos à internet) temos públicos cada vez mais “cativos”, ligados nas telas.

As tecnologias possibilitam novos espaços de interação, ambiente midiáticos com novas lógicas. “O termo *lógica da mídia* refere-se ao *modus operandi* institucional, estético e tecnológico dos meios, incluindo as maneiras pelas quais eles distribuem recursos materiais e simbólicos e funcionam com a ajuda de regras formais e informais” (HJARVARD, 2012, p. 64,65). Compreendemos que essas lógicas afetam os papéis desempenhados pelos atores sociais nesses espaços, constituindo novas configurações no processo de interação. Isso porque é na troca com o outro e consigo mesmo que se

vamos internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação do conhecimento e da própria consciência – a troca com o outro é feita por meio da linguagem (mediada).

Ao observarmos a estreita relação entre a midiatização e as transformações tecnológicas, entendemos que é por meio de dispositivos tecnológicos de comunicação que os sujeitos fazem contato, promovendo aquilo que Sodré (2007) denomina interação midiática. “Nesse processo se tornam visíveis as operações semióticas do *bios* midiático, academicamente analisadas por pesquisadores de áreas diversas das ciências sociais. É o lugar costumeiro dos chamados «estudos de mídia»” (SODRÉ, 2007, p. 22).

Nesse contexto, destacamos as mudanças em diversas práticas sociais, como por exemplo no aprendizado/na educação, já que os ritmos da vida e da aprendizagem tem se alterado em virtude do contexto de mudanças (DE KERCHOVE, 2012). Aqui relacionamos o importante papel midiático quando atos comunicativos são intencionais porque são vinculados a estados não comunicativos, como intenções (e crenças e desejos e outros eventos deste tipo). Intenções e crenças são tipos de estados ligados causalmente a atos de comunicação e a cursos de ação que elegemos como relevantes em vista de certos propósitos previamente definidos (DEMO, 2011).

Segundo as teorias de Demo (2011), aprender e ensinar passa a estabelecer relações de antecedência-consequência com ações. Mesmo que não sejam causas no sentido físico de “causa”, há uma propriedade relacional que podemos chamar de causal-com-restrições, ou aproximando de nossa discussão, é a midiatização que vincula estes eventos não comunicativos a ações comunicativas, nas quais informações são dirigidas de um sujeito a outro.

Na visão de Hjarvard (2012) para a investigação sociológica contemporânea sobre a sociedade, uma teoria sobre a importância dos meios de comunicação para a cultura e a sociedade já não é uma possibilidade interessante, mas necessária. Segundo o autor, a midiatização é um fenômeno que chama para o diálogo estudiosos dos meios de comunicação e sociólogos, além de constituir um conceito teórico que só pode ser compreendido através de uma combinação de conhecimentos desses campos.

A partir dessas considerações, localizamos a midiatização como contexto que afeta (de diferentes formas) o fazer da comunicação social na contemporaneidade. Consequentemente constitui aspecto fundamental também para a investigação dessas

práticas. É com o olhar voltado para isso que pretendemos relacionar neste texto o fenômeno da midiatização, o campo da comunicação e a ideia de novas epistemologias.

Campo científico da comunicação

A compreensão do fenômeno da midiatização e da interação midiática (e as tecnologias comunicacionais que envolvem) constitui, a nosso ver, elemento essencial para os estudos do campo⁴ científico da comunicação. Nessa direção, Sodré (2007) alerta que se estudam, de um lado, as modalidades institucionais dos fenômenos sociais e, de outro, o funcionamento da mídia, desconhecendo a midiatização, a qual orienta a representação e a interpretação dos fenômenos.

Para o pesquisador

o termo «comunicação» designa dois processos: primeiro, o de pôr em comum as diferenças por meio do discurso, com ou sem o auxílio da retórica (processo comunicativo); segundo, o de interpretar os fenômenos constituídos pela ampliação tecnológica da retórica, isto é, a mídia, na sociedade contemporânea (processo comunicacional) (SODRÉ, 2007, p.18).

É sobre esse viés interpretativo dos fenômenos sociais imbricados às mídias que visualizamos o campo da comunicação como área de investigação. Sobre as peculiaridades desse campo, Montardo (s.d., p.2) salienta que o mesmo desliza por domínios científicos indefinidos, “Com isso, fica decretada a falta de legitimidade científica do campo acadêmico da comunicação, falta esta que tem sido a sua própria história, até então”. Situação partilhada pelas ciências sociais de modo geral, com as quais a comunicação relaciona-se cientificamente, salienta a pesquisadora.

O campo acadêmico da comunicação transita entre diferentes limites do saber, integrando noções e conceitos de diferentes áreas. Essa condição o desqualifica frente o campo científico, pois não há uma delimitação suficientemente clara na relação entre o campo acadêmico da comunicação e os demais campos do conhecimento. (MONTARDO, s.d.)

Nesse sentido, França aponta a heterogeneidade dos aportes teóricos acionados para a compreensão dos fenômenos comunicacionais: “Fenômeno empírico com tantas facetas, a comunicação suscita múltiplos olhares; é um objeto complexo que apresenta

⁴ Ao abordar a noção de campo, nos referimos ao conceito de campo proposto por Bourdieu (2007, 1983) o qual é retomado por Sodré. “Social ou científico, o campo é um espaço social composto por relações objetivas entre agentes e instituições e destinado a legitimar cognitivamente as suas enunciações. É de fato um universo separado, com suas próprias leis de funcionamento” (SODRÉ, 2012, p. 14).

recortes passíveis de serem investigados por várias disciplinas” (FRANÇA, 2001, p.49). Por isso a teoria da comunicação é heterogênea, sua origem contempla proposições de outros campos, dificultando a integração teórica e metodológica do campo.

França também destaca a dificuldade decorrente da diversidade empírica que a comunicação recobre, a variedade de fatos e práticas que constituem seu objeto.

A essa diversidade soma-se a mobilidade do objeto empírico: a constante mutação das práticas comunicativas, verdadeiras revoluções tecnológicas a que temos assistido particularmente nos últimos anos, dá-se num ritmo que a reflexão acadêmica não consegue (em função de sua natureza e seu tempo) acompanhar (FRANÇA, 2001, p.49).

Acreditamos que as transformações tecnológicas que têm caracterizado as práticas comunicativas constituem um fenômeno fértil para estudos, mas também uma dificuldade para a investigação em comunicação. Compreendemos isso ao observar que os “acontecimentos estão sempre à frente da possibilidade de que sejam interpretados pelos indivíduos, assim como o derrame social das tecnologias da comunicação está à frente da sua interpretação pelas formas individuais e coletivas de consciência” (SODRÉ, 2007, p.19). Sodré reforça que o desenvolvimento das tecnologias da comunicação está à frente da sua interpretação, essa é a realidade - e seu impacto de influência nas lógicas cognitivas - com a qual tem de lidar o campo da comunicação

A variedade de objetos empíricos e a proximidade com diferentes campos, características salientadas anteriormente, naturalmente promovem também uma diversidade de métodos presentes no campo da comunicação. Sobre esse aspecto, Calhoun (2012) destaca a comunicação como um dos campos menos provável para ser definido por um método comum. Há grande diversidade de métodos de se comunicar, e segundo ele “há uma grande diversidade de métodos para se estudar a Comunicação, com contribuições de experimentos, etnografias, pesquisas históricas, levantamentos, análises textuais e métodos cada vez mais visuais” (CALHOUN, 2012, p. 289).

Mas, apesar das considerações sobre as heterogeneidades do campo, podemos identificar a constituição de estudos e conhecimentos específicos da comunicação. Conforme argumenta França (2001, p 51), “é na medida desse movimento de congregação de olhares diversos que podemos pensar o campo de estudos da comunicação enquanto domínio ou espaço interdisciplinar [...]”.

Calhoun (2012) salienta a importância do campo da comunicação para o estudo das mudanças sociais. A respeito do mesmo destaca a variedade de temas estudados, os

quais variam de questões do micro ao macro. “Isso é muitas vezes visto como um problema, como se o campo devesse superar a diversidade temática e definir sua atenção a objetos mais específicos. Mas eu acho que isso é ilusório” (CALHOUN, 2012, p.291).

Segundo o pesquisador, a diversidade de objetos empíricos não constitui um problema para o campo da Comunicação e pode ser justamente essa sua virtude, desde que esteja interligada por meio de uma teia de interconexões. “O mesmo vale para a variedade de métodos, a multiplicidade de orientações para a prática profissional, a difusão do conhecimento e o desenvolvimento acadêmico” (CALHOUN, 2012, p. 293). Nesse ponto Calhoun (2012) pontua um desafio para o campo, pois segundo ele, a Comunicação possui fracas conexões entre suas linhas de pesquisa e até entre os próprios pesquisadores. Para o autor, na Comunicação (e outras disciplinas das Ciências Sociais) a unidade é mais uma questão de conexões e de semelhanças familiares.

E é com essas peculiaridades que o campo da comunicação busca a legitimação do seu saber acadêmico. Conforme referencia Sodré (2007) as exigências institucionais das pesquisas (mercadológicas e acadêmicas) ainda se orientam por caminhos metodológicos do campo clássico da análise social. Observamos que essa situa o por vezes dificulta a inser o da comunica o como campo científico. Mas o pesquisador defende, para o desenvolvimento do saber comunicacional, os estudos disciplinares que, de dentro de sua especificidade teórica, abordem problemas do campo comunicativo.

No intuito de demarcar o lugar da comunica o, esse saber específico, Sodré (2007) apresenta uma configura o tripartite. No caso de um estudo de média, pode-se considerar como um primeiro nível a descri o multifuncional de um dispositivo comunicativo; como segundo, a interpreta o das rela oes econ micas, políticas e sociais entre o dispositivo e a sociedade em questão. Nestes dois níveis, convoca-se o saber das disciplinas clássicas como a sociologia, a antropologia cultural, a economia, a ciência política, a psicologia e a história. O terceiro nível   propriamente comunicacional e implica uma redefini o da existência em fun o do *bios* tecnológico (a virtualiza o, a mediatiza o) que agora rege o modo de ser do sujeito (SODRÉ, 2007).

Compreendemos, na visão de Sodré (2007), que o olhar próprio do campo da comunica o pressupõe o entendimento da mediatiza o e das tecnologias e sua interferência nas configura oes sociais, Afinal, como afirma o autor, “a comunica o

dispõe-se à elucidação ou à compreensão dos novos modos de ser humanos num mundo de tecnologias totalizantes” (SODRÉ, 2007, p.25). Nesse sentido, o ítem a seguir apresenta a visão de Demo (2011) sobre a noção de novas epistemologias, a qual está relacionada com o desenvolvimento tecnológico e acreditamos constituir uma fonte de novos questionamentos para o campo da comunicação, enquanto campo científico cujos limites e definições ainda carecem de maior consenso.

Novas epistemologias

A epistemologia “se volta para a teoria e o questionamento do conhecimento enquanto tal, procurando delimitar alcance, validade, possibilidade e pretensões” (DEMO, 2011, p.2). Com essa concepção, Demo (2011) discute algumas mudanças no conhecimento científico no contexto da revolução tecnológica digital, sentido em que surge a noção de “novas epistemologias”. O autor busca entender o conhecimento científico como dinâmica sempre aberta, em permanente desconstrução e reconstrução, a exemplo da *web 2.0*.

Acreditamos que a idéia de novas epistemologias pode ter base semelhante à da busca por novos paradigmas. Montardo (s.d., p.6), discutindo o campo da comunicação, relata sobre a “pertinência da emergência de um novo paradigma, capaz de, ao menos, questionar os critérios que regem as relações de conhecimento em nossa sociedade”.

Aproximamos a afirmação de Montardo com as novas epistemologias ao destacarmos que uma de suas marcas, segundo Demo (2002 apud DEMO, 2011), é o reconhecimento de que o conhecimento científico não é só um tipo de conhecimento e não tem qualquer condição de pesquisar toda realidade. De acordo com o pesquisador, essa característica tornou-se ostensivamente visível em plataformas virtuais, próprias da *web 2.0*, nas quais conhecimento é referência discutível, provisória. Como exemplo ele cita a Wikipédia. Mas Demo alerta que “na prática, ‘novas epistemologias’ são também modismo, ainda que a isso não necessitem restringir-se” (DEMO, 2011, p. 143).

Conforme Demo (2011, p.143), no campo da epistemologia, dificilmente surge algo novo em sentido mais radical, “por mais que ‘novas epistemologias’ possam evocar arrepios a muitos acadêmicos por conta de sua lassidão pretensamente relativista. Sugerir que o conhecimento científico é sempre ‘discutível’ parece blasfêmia, mas essa idéia é antiqüíssima”.

Também Montardo (s.d.), sobre a constituição do campo científico, identifica a força com que os princípios do paradigma da ciência clássica transparecem. Paradigma este que, segundo a autora, desde o século XVII, regula as relações entre realidade e conhecimento científico.

Ao falar sobre o surgimento do mundo moderno Demo (2011) destaca, com o apoio de alguns autores, que no âmbito científico nascia o método, cuja marca mais decisiva era basear-se apenas na autoridade do argumento (DEMO, 2011). Ou seja, na tradição modernista (positivista), conhecimento científico é resultado de procedimentos metodológicos estritamente formais, de teor lógico-experimental, capazes de desvendar a realidade por completo.

A soberba do método é estar na raiz das tecnologias da história recente, de modo que as críticas não comovem o edifício científico vigente (ASTHUR, 2009, apud DEMO, 2011). “Para metodólogos qualitativos, é um espinho na garganta ter de reconhecer que a produção clássica positivista impera soberana, em especial no contexto norte-americano da academia” (DEMO, 2011, p.148).

Essa influência da noção clássica positivista também aparece dos estudos em comunicação.

A comunicação seria em princípio uma experiência antropológica fundamental (já que não há vida social sem comunicação), em seguida um saber sobre essa experiência e, finalmente, é uma realidade industrial já concretizada por um formidável aparato tecnológico sustentado pelo mercado. Da força de espelhamento da realidade tecnocultural norte-americana sobre o saber acadêmico da comunicação, decorre o duradouro paradigma dos efeitos (SODRÉ, 2012, p.17).

Sodré (2012), ao discutir as dificuldades teóricas da constituição do campo da comunicação, destaca que o paradigma dos efeitos ainda é o fundamento da maioria das pesquisas acadêmicas. Seu argumento é de que a ideia de transmissão e persuasão, concretizada nos dispositivos técnicos que fazem circular os discursos sociais (comunicação funcional ou comunicação/informação) é a principal responsável pelo paradigma dos efeitos na abordagem acadêmica da comunicação. “A expressão *comunicação funcional* revela-se aqui muito adequada, uma vez que esse paradigma pertence por inteiro ao persistente positivismo funcionalista da escola sociológica norte-americana” (SODRÉ, 2012, p.11).

Segundo Demo (2011, p; 146), as novas epistemologias “retomam, em grande parte, a utopia moderna da *autoridade do argumento*, depurada de outros tipos de conhecimento considerados menos sólidos ou dogmáticos”. A partir da ideia de força

sem força do melhor argumento, sugerida por Habermas, Demo interpreta que a autoridade do argumento possui força, mas é sem força pois:

i) a autoridade do argumento se sustenta por si mesma, sem ser autoritária; provém da qualidade da própria fundamentação; ii) sua força é a do convencimento como resultado da qualidade da argumentação, não do alinhamento; iii) esta força sem força seria, no fundo, a única “força” que tem força, no sentido de que, indo pelo contrário, desaparece a força em tramoiás forçadas; iv) a força mais efetiva é a que não força, convencendo sem vencer, tal qual a não violência: é o tipo de violência que não usa de violência; consegue impor-se sem violentar. (DEMO, 2010, p.27)

O autor chama a atenção para o fato de que nas plataformas da web 2.0 (*wikis*, *blogs*, redes sociais) os textos são provisórios, comentáveis, editáveis, versões passageiras. Nesse sentido, ele entende que os resultados são menos relevantes que o contínuo processo de desconstrução e reconstrução e “sua validade é ‘relativa’ (não relativista), ecoando a força sem força de melhor argumento, ou seja, não vige o argumento da autoridade, apercebido como pretensão descabida” (DEMO, 2011, p. 165). Podemos observar também essa lógica no campo da mídia, pois os meios de comunicação contemporâneos são orientados por uma lógica de duas faces: o profissionalismo e o conteúdo gerado por usuários, como relata Hjarvard (2012).

No âmbito das novas epistemologias “busca-se recolocar a ciência como capaz de discurso próprio ou autossuficiente, embora não mais com pretensões universais de validade, mas em contexto de discutibilidade aberta permanente” (DEMO, 2011, p.146). Observamos que a idéia de novas epistemologias está impregnada de um conceito peculiar de ciência. A respeito disso destacamos o que aponta Sodré, ao argumentar que em alguns casos, no ensino público, tenta-se romper com o campo dito comunicacional, priorizando o jornalismo como ciência centralizadora, mas sem dizer com clareza o que se entende por ciência, fora dos chavões positivistas (Sodré, 2012). Interpretamos, assim, que para pensar a situação do campo da comunicação precisamos antes refletir sobre a concepção de ciência.

O que Demo (2011) nos apresenta é o conhecimento discutível como marca das novas tecnologias. Essa visão de conhecimento encontrou no mundo virtual seu campo fértil. Nesse cenário, o autor identifica que

Um dos fulcros mais significativos das novas epistemologias é a concepção dinâmica, disruptiva, rebelde de conhecimento, sempre em processo de desconstrução e reconstrução afastando-se de pretensões tradicionais de validade universal, estabilização definitiva, pacote curricular, resultados imutáveis (DEMO, 2011, p.166).

Essa perspectiva tem abalado profundamente a academia, que se sente ameaçada, afirma Demo (2011) ao esclarecer que o que sofre ameaça são os privilégios autoritários, não o conhecimento como tal. “Este reencontrou seu charme inicial da modernidade, quando, derrubando o argumento de autoridade, apostou-se na autoridade do argumento, exigindo-lhe liberdade de expressão. O que está ameaçado é o argumento de autoridade, com justa razão” (DEMO, 2011, p.166). O autor exemplifica essa visão ao lembrar-nos que enquanto o mundo da criação científica tradicional está eivado de patentes e direitos autorais, *copyright*, as plataformas virtuais proclamam livre acesso, ou *copyleft*⁵.

A visão apresentada não pressupõe que se ignore o lado institucionalizante da produção de conhecimento, em especial em suas faces formais, porém acentua-se o horizonte disruptivo, considerando que o conhecimento consiste em processo, resultado e postura aberta. O que há de novo nessa epistemologia é a discutibilidade do conhecimento (DEMO, 2011).

Nesse viés o “método pode primar pela formalização bem urdida, mas tem como desafio dar conta de realidades não formalizáveis por completo” (DEMO, 2011, p.147). Demo (2010) considera que o discurso positivista aposta na descoberta da verdade, porque tem dela uma ideia linear, assim como o procedimento analítico seria linear. Mas “[...] sendo a realidade dinâmica aberta (como toda estrutura de poder), o esforço epistemológico de sua captação não pode fechar-se, sob o risco de incompatibilidade flagrante” (DEMO, 2011, p.145). Dessa forma, percebemos uma epistemologia aberta como requisito da própria realidade dinâmica.

Nessa realidade dinâmica situamos a sociedade midiaticizada cujas transformações tecnológicas apresentam novas lógicas e afetam os processos de interação social, aspectos que destacamos nos tópicos anteriores. Compreendemos que esse dinamismo está muito presente nos objetos empíricos da comunicação, de forma que a noção de novas epistemologias mostra-se interessante para refletirmos sobre esse campo científico.

Inferimos ser adequado expandir a discussão em torno da pesquisa em comunicação com vistas às novas epistemologias. O campo da comunicação, com sua multiplicidade de métodos, heterogeneidade de teorias e objetos em rápida

⁵ “Pode-se usar, desde que a manipulação feita se mantenha também aberta ao acesso livre” (DEMO, 2011, p.166).

transformação tecnológica, parece alinhar-se com essa concepção do conhecimento científico como dinâmica sempre aberta, em permanente desconstrução e reconstrução.

Considerações

A partir da discussão proposta neste artigo, depreendemos ser válido o interesse em investigar diferentes concepções epistemológicas como exercício para pensar o campo científico da comunicação.

Explicitamos a influência da mídia e suas lógicas em todos os campos sociais, ao abordarmos a midiaticização. Nesse sentido, com a noção de novas epistemologias de Demo (2011) observamos que a própria concepção de conhecimento sofre influência das transformações tecnológicas da comunicação. As diferentes formas de interação midiática fomentam novos modos de fazer e também novas maneiras de gerar conhecimento, as quais afetam as questões relacionadas ao conhecimento científico.

Segundo Demo (2011) o que as novas epistemologias trazem de inovador é o resgate da autoridade do argumento, em detrimento ao argumento de autoridade. Para fazermos uma relação com o campo da comunicação, podemos pensar que nessa visão importa mais a qualidade da argumentação científica dos campos e menos a autoridade. De forma que ao campo da comunicação interessaria buscar sua legitimação mais pela qualidade dos argumentos (a partir das pesquisas realizadas) e menos pela autoridade (tentando demarcar seus objetos/métodos) perante os demais domínios da ciência.

A respeito disso, não finalizamos o texto com respostas, mas, por meio da discussão teórica realizada, evidenciamos o quanto ainda há para debater sobre as questões relacionadas à epistemologia da comunicação. Parece-nos ser esse um caminho importante para o desenvolvimento do campo, pois como afirma Demo (2011, p.7) “saber pensar é questionar, sobretudo autoquestionar-se”.

Referências bibliográficas

CALHOUN, Craig. Comunicação como Ciência Social (e mais), **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.35, n.1, p. 277-310, jan./jun. 2012.

DEMO, Pedro. **A força sem força do melhor argumento**: ensaio sobre “novas epistemologias virtuais”. Brasília : Ibict, 2010. Disponível em <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/959>>, acesso em 27 de dezembro de 2013.

_____. **Praticar Ciência:** metodologias do conhecimento científico. São Paulo: Saraiva, 2011.

FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis Carlos; FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001. p. 41-54.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USP, 2012, n.5. p. 53-91.

DE KERCHOVE, Derrick. Uma question epistemológica. In: VIZER, Eduardo. **Lo que McLuhan no predijo.** Buenos Ayres: La Crujía, 2012.

MONTARDO, Sandra P. **Comunicação: o campo de mediações e de complexidade.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/montardo-sandra-comunicacao-mediacao-complexidade.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SODRE, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Matrizes,** São Paulo, ano 5, n. 2 jan-junho 2012. p. 11-27.

_____. Sobre a episteme comunicacional. **Matrizes.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007, n.1, p. 15 - 26.